ANO 1.º LISBOA--SEXTA-FEIRA, 13 DE JANEIRO DE 1922 N.º 240

# Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 45
Impressão: Rua do Mundo, 116

O GOVERNO Cunha Leal está sendo alvo de acusações que obedecem certamente a uma necessidade morbida de manter sempre bem avinagrado o paladar das turbas.

Saiba-se que não estamos em ditadura, se bem que não faltem razões que a aconselham, para remediar males que de longe vêm.

Sendo assim, o governo, privado até do uso de autorizações parlamentares, tem que limitar-se a administrar dentro da lei, não podendo adoptar medidas que não cabem nas funções constitucionais do poder executivo.

Só o Parlamento será chamado a legislar com competencia juridica sobre os problemas da nossa crise, tão alarmante. As eleições são sempre uma coisa séria, absorvente, mas assumem agora uma importancia especial, visto ser absolutamente necessario que delas sáia um corpo de representantes da nação capaz de haver-se com duras realidades.

Cunha Leal, que os impacientes e os apaixonados pretendem envolver numa rêde de acusações inanes, sem fundamento, não se encontra no poder para cuidar dos seus negocios, mas sim do bem comum. Pedir-lhe que faça aquilo que ele não pode fazer é uma exigencia pelo menos estupida.

Ninguem melhor do que ele conhece a nossa terrivel situação e a urgencia de a encarar com animo de abrandá-la.

Simplesmente é bom que se lembrem, os que têm bom senso, que não está na sua mão fazer milagres, a não ser lentamente e com a colaboração atenta e pacifica de nós todos.

O governo Maia Pinto, quando se despenhou, deixou nos cofres do Estado esta misera quantia—5:000 contos! Imagine-se em que embaraços se encontrou Cunha Leal para, pouco depois, pagar 30:000 contos.

Alguns jornais costumam, não sabemos com que intenções, apresentar os governos ao povo como dispostos a conluiar-se com a finança, os açambarcadores, especuladores e candongueiros, para explorarem a miseria.

Talvez assim adquiram simpatias, espalhando odios. No emtanto, melhor seria que se limitassem a cumprir o seu dever de guias da opinião, sem a envenenarem. A verdade nem sempre se converte em interesses de balcão, mas tem um premio, porque evita que a má fé ou a petulancia se alcem a mentores dos ignorantes e dos simples.

O governo Cunha Leal não podendo ser isento de defeitos só deseja que o critiquem com sinceridade, não lhe inventando responsabilidades que lhe não competem, pois não pode nem deve assumi-las.

* * *

EM contrario do que se lê no *Diario de Noticias*, não é o professor dr. Caieiro da Mata quem rege, na faculdade de Direito de Lisboa, o curso de Direito Internacional Publico, mas sim o professor dr. Avila Lima que, neste momento, preleciona sobre a Sociedade das Nações. Aquele tem a seu cargo a cadeira de Direito Internacional Privado.

* * *

CHAMAMOS a atenção do sr. ministro do Trabalho para algumas companhias de seguros que vivem, sabe Deus como, pois parece terem sido fundadas para logradoiro dos seus administradores.

* * *

FOI á assinatura um decreto aprovando os estatutos da Sociedade Holandesa Nieuwe Afrikaansche Handels Vumootschap.

# *A P. S. E.*

Havia uma Policia de Segurança do Estado que entrou tão decidida e valorosa no «19 de outubro», atribuindo-se um papel politico, em contradição com as suas funções habituais e legais, que acabou por ser suprimida. Foi a experiencia que aconselhou uma medida tão radical? Dizem-nos que sim.

Os seus agentes ligaram-se de tal modo com os successos da ultima revolução que não era possivel liberta-los de certos compromissos com pessoas dignas duma constante vigilancia—afirmou-nos alguem. Nós pouco sabemos destes assuntos, pois que, por disposição natural, nunca nos interessamos pelos dramas policiais que os directores da P. S. E. traziam em representação.

Simplesmente achámos assombroso o que se passou com o infeliz Antonio Granjo — este, como presidente do ministerio e ministro do Interior, tinha contra si todos os agentes que mais zelosamente deviam velar pela segurança do Estado, informando-o com verdade da revolução que se preparava. As poucas noticias que recebia vinham-lhe de outras fontes e procedencias. Isto levou-o a dissolver uma corporação que, em vez de o servir, o enganava.

Cunha Leal encontrou-se quasi na mesma situação, vendo-se forçado, depois de varias hesitações, a fazer publicar o decreto que os jornais da manhã de hoje já tornaram conhecido. Acaba a P. S. E. Em seu lugar, fica simplesmente um pessoal da confiança do ministro do Interior, junto dos governadores civis de Lisboa e Porto e escolhido por estes, sob a acção dum auxiliar permanente — um adjunto, nomeado por decreto.

O *Diario de Lisboa* não tem um interesse especial nesta mudança de coisas, mas como deseja salvaguardar a liberdade dos cidadãos contra possiveis precalços, por isso não deixará de apontar os inconvenientes que por certo virão a assinalar uma policia que depende sómente de duas vontades—a do ministro do Interior e a do governador civil. Os homens são diferentes moral e intelectualmente.

Com Cunha Leal, no ministerio do Interior, e Agatão Lança, no governo civil, tudo irá bem.

Mas, depois deles, quem virá?

Não ficaremos nós expostos a todos os maleficios das organizações secretas que agem, sem lei nem respeito pelos direitos dos individuos, cometendo atropelos e violencias de dificil reparação ou emenda?

O que o sr. Damião dos Santos, actual adjunto da P. S. E., veio declarar ao *Seculo* é de molde a provocar duvidas e receios. Estimamos muito que o desaparecimento da P. S. E. não venha dar azo á creação de outra policia mais incomoda e funesta. São suspeitas infundadas?

## ESPIRITO NO CIRCO

**ELA — Deve estar perto da morte aquele equilibrista.**
**ELE — Porquê, mulher?**
**ELA — Anda por arames.**

AS palavras que o *Diario de Lisboa* tem dirigido ás pessoas de coração, para que valham aos pobres e aos enfermos, continuam a colher belissimos frutos.

Criaturas que modestamente escondem o seu nome, já nos enviaram somas importantes que vamos distribuindo pelos protegidos do nosso jornal. Agora mesmo um estrangeiro ilustre, que em Lisboa gosa das maiores simpatias, nos remete 100$00.

O *Diario de Lisboa* significa-lhe o seu reconhecimento. Esperamos que o seu exemplo sirva de incitamento a todos aqueles que, para fazerem o bem, carecem de ser animados.

* * *

FOI hoje assinado o emprestimo de 4:000 contos, feito pela Caixa Geral de Depositos á provincia de Angola. Outorgaram na escritura, por parte dos ministerio das finanças, o sr. dr. Alberto Xavier; por parte do ministerio das Colonias, o sr. Ernesto Navarro; e por parte do alto-comissario, o seu representante em Lisboa, sr. Roberto da Fonseca.

* * *

RECEBEMOS o n.º 6 da *Seara Nova*, ilustrado por Leal da Camara, Humberto Pelagio e Cervantes de Haro, colaborado por Camara Reys, Alfredo Pedro Guisado, Afonso Duarte, Raul Proença, Ezequiel de Campos, Aquilino Ribeiro, Santiago Presado.

* * *

O PRIMEIRO salmão que se pescou no rio Minho foi vendido por 410$00. E' natural que a mesa ou mesas onde foi comido seja presidida por um homem de principios austeros.

* * *

DEU-NOS a honra da sua visita o sr. Antonio Carneiro de Vasconcelos, enviado da *Patria* do Rio de Janeiro, que nos disse que este jornal põe gratuitamente á disposição dos nossos expositores toda uma pagina. O *Diario de Lisboa* recebe, desde já, quaisquer noticias ou informações com este destino.

* * *

O ALTO comissario de Moçambique propôs o vencimento de 70 libras para o engenheiro a contratar para as obras publicas da provincia.

* * *

A guarda fiscal continúa a fazer apreensões, na fronteira, de galinhas, caça e ovos. A febre de ganhar leva negociantes sem escrupulos a esfomear a sua propria terra.

A proposito: não haveria meio de desviar para lá uma grande parte da G. N. R., a fim de a empregar, com melhor proveito, na repressão deste contrabando de morte?

* * *

O *DIARIO DE LISBOA* vai lançar no mercado uma interessante edição de postais que Almada Negreiros ilustra com o seu lapis prestigioso. São os retratos, já publicados na nossa primeira pagina, dos srs. ministros da Inglaterra, Brasil, França e Estados Unidos.

## Magazine

### Uma candidatura feminina

Na Academia de Medicina de Paris, há uma vaga que deve ser preenchida brevemente. Quem irá apresentar a sua candidatura?

Há dez anos, madame Curie apresentou a sua candidatura á Academia das Sciencias e não foi recebida: o seu temivel concorente, Branly, foi eleito, tendo uma maioria de... 1 voto.

Hoje fala-se de novo da candidatura da mulher que descobriu o radio, a maior força da sciencia de hoje e que no futuro realizará ainda não sabemos que maravilhosas curas, mas de que a sciencia tudo espera.

Qual será hoje o concorrente de madame Curie?

### A' condessa de Pardo Bazan

A duquesa de Alba iniciou uma subscrição para levantar um monumento á escritora espanhola, condessa de Pardo Bazan.

Nem só em Espanha o alvitre foi recebido com entusiasmo; na Republica Argentina e outra da America do Sul, onde a escritora espanhola era grandemente considerada, concorrem com quantias importantissimas, sem contar com o dinheiro que deve vir destas afastadas terras, já a condessa de Alba recebeu 16.078 pesetas.

Como é de crêr toda a nobreza espanhola tem contribuido imenso para o bom exito da subscrição.

### Um bom exemplo

Há dias a população dum concelho de Berlim assistiu a uma fogueira grandiosa. Nela foram queimados cerca de quarenta mil volumes que o administrador havia apreendido onde encontrára. Entendera, e bem, que um dos maiores perigos da mocidade é essa leitura licenciosa que se vende baratissima por toda a parte e a conduz á depravação.

Moveu-lhe uma perseguição feroz e quantos livros apanhou quantos queimou com grande satisfação do povo que assistia a essa monstruosa «fogueira de S. João» realizada na praça publica.

**Mario Machado**
Da Escola Dentaria de Paris
**Doenças da boca e dentes**
CHIADO, 74, 1.º—Tel. C. 4186

**— Será preciso gritar-lhe ao ouvido que o UROL é o maior dissolvente do ácido úrico?**
**Cura: o REUMATISMO, ARTRITISMO, GOTA, OBESIDADE, etc.**
FARMÁCIA FORMOSINHO:
**PRAÇA DOS RESTAURADORES, 18**

**Ludovice, Limitada**
Comissões e Consignações
Agentes de vendas para a provincia dos productos da Academia Scientifica de Belesa
R. da Madalena, 36, 2.º — Tel. C. 3379
Secção Fiscal
Pagamento de contribuições — Reclamações sobre todas as contribuições directas do Estado e das Camaras Municipais, incluindo as sobre avaliações de predios, sobre gremios industriais, cessação de industrias, etc., e respectivos recursos em todos os tribunais — Certidões em todas as repartições publicas — Recursos e mais actos sobre transgressões dos regulamentos fiscais, etc., etc.

**"INCOMODINE"**
GRANDE especifico que energicamente e sem o minimo perigo ou inconveniente normaliza rapidamente a menstruação. Caixa 6$00, correio mais 200 réis. Farmacia J. Nobre, Rossio, 109, Lisboa.—A' venda no Porto, no Largo de S. Domingos, 42.

## NO "THÉATRE FEMINA"

# ALEXANDRA BALACHOVA EM PARIS

### Uma entrevista com o critico coreografico Plescheff

## A revolução dos bailes russos

Nas vesperas das representações que Alexandra Balachova vai dar no teatro Femina, encontrámos mr. A. Plescheff, o celebre critico coreografico que tantos artigos documentados escreveu sobre os artistas do seu país. Mr. Plescheff falou-nos do logar preponderante que ocupa a grande bailarina de Moscou entre as «estrelas» da dansa e as suas palavras demonstraram peremptoriamente que Paris pode orgulhar-se de poder aplaudir, emfim, tão extraordinaria bailarina.

—A Russia dos tzars, diz mr. Plescheff, inesgotavel reservatorio de «estrelas», dispensou-nos com grande prodigalidade as mais ilustres glorias da sua arte coreografica. Desde que os bailes russos nos fizeram conhecer não só a magia feerica das «mise-en-scènes» sumptuosas mas tambem a prodigiosa intensidade dos seus dansarinos, comprendemos pela primeira vez que a Russia tinha operado em França a sua primeira revolução. Paris, este espelho do mundo, apaixonou-se então pelas grandes bailarinas e fez suas a Pavlowa, a Kaesanisa, a Niginskny, a Foquine, todas aquelas, emfim, que traziam na sua arte prestigiosa a renovação do bailado.

«Nós não pensámos, depois de termos admirado, aplaudido e amado tantas artistas celebres e festejadas que a Russia pudesse ainda surpreender-nos e maravilhar-nos. E' Alexandra Balachova que vai realizar este ultimo milagre.

«O grande teatro de Moscou guardara avaramente a sua primeira bailarina, que até á data presente tinha resistido ás mais compensadoras ofertas que lhe foram feitas. Foi preciso produzirem-se acontecimentos excepcionais para obrigá-la a deixar o seu país. Balachova fez de Paris a sua cidade de eleição; e será ali uma das revelações da estação teatral.

«Porque a Balachova é talvez a artista mais completa que nos tem sido dado encontrar. A sua graça é infinita, o seu encanto grande. A sua tecnica impecavel, a sua virtuosidade surpreendente, a sua expressão, emfim, é inolvidavel. Ela personifica ao mesmo tempo a emoção e a fantasia, a sensibilidade e o poder de atracção. De cada vez que a admiramos parece que se assiste a uma nova criação. O seu talento, ou antes o seu genio, é feito de variadade: dansarina classica, de linhas puras e harmoniosas, pela nobreza do seu estilo, ela evoca e atinge a perfeição; modifica e transforma a sua personalidade e, executando danças comicas ou graves, dansas religiosas ou dansas nacionais, ela sabe dar uma interpretação, uma significação tão particular e original que nos parece vêr uma artista diferente. E, no emtanto, é bem ela, com a sua compreensão tão pessoal, a sua espontaneidade e tudo, emfim, que a faz artista unica.

«E' preciso vê-la traduzir, com o seu companheiro, o prodigioso Victor Smolzof, esse Nijinskoy a 19.ª valsa de Chopin. Deveria, neste momento, poder contemplar-se ao mesmo tempo a sua tecnica e o seu rosto—esse rosto, chama dolorosa, melancolia profunda, vida intensa sob as palpebras cerradas, simbolo de sofrimento e de nostalgia. E em seguida admirá-la na interpretação das dansas norueguesas, de Grieg. Que alegria irresistivel e «entrain» maravilhoso.

«Quando uma artista consegue realisar em poucos minutos, dum modo tão completo, duas interpretações diferentes, devemos inclinar-nos profundamente.

«O reportorio de Balachova é infinito. Ela dansa «la Bayadère», «le Pas des cignes», «le Miroir Magique», «le Corsaire», «Coppélia», «la Fille mal gardée», «la Belle ou Bois Dormant», «D. Quixote». E na interpretação da «valsa Capriches», «la Tabatiére», «la danse de Matilot ou des deux Pierrots», não tem rival».

No passado domingo, madame Alexandra Balachova debutou em «soirée» no teatro Fenina, alcançando um retumbante exito.

*Louis Handler*

**Banco Industrial Português**
**Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114**
CAPITAL AUTORIZADO 50.000:000$ LISBOA CAPITAL REALIZADO 5.000:000$
Operações — Descontos — Transferencias — Emprestimos e creditos em conta corrente—Compra e venda de cambiais— Cartas de credito sobre o país e estrangeiro—Depositos á ordem e a praso — Guarda de titulos — Aluguer de cofres (casa Fichet, Paris)
**FILIAIS:** PORTO—COIMBRA—VIANA DO CASTELO —SANTAREM—FARO E PONTA DELGADA
**Correspondentes: Nas principais terras do país e em todas as praças do estrangeiro**

**VACINAS E SOROS MULFORD**
MICROSCÓPIOS E MICRÓTOMOS
KORISTKA
APARELHOS DE LABORATÓRIO
ÁLVARO CAMPOS, L.DA
LISBOA L. DUAS IGREJAS — PORTO R. SÁ DA BANDEIRA

DFS
**Instalações electricas**
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
**PHILIPS-ARGA**
E' quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores
Tele(fone C. 5430 / grafo DIFONSO) DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.da
Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

**A PRESTAÇÕES**
Fazem-se instalações electricas de luz, campainhas, etc. Peçam condições á A Electro-Quimica, Lda. — Rua Douradores, 29, 3.º

## Mundanismo

### Aniversários

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessas do Porto Covo da Bandeira e de Casal Ribeiro, D. Branca de Sommer de Andrade, D. Maria Adelaide Luz da Gama de Sepulveda, D. Branca de Seabra Pereira, D. Rosalina Pinto Coelho Martins de Lima, D. Maria de Menezes Peixoto Taveira, D. Helena Bordalo Pinheiro, D. Emilia Pinto Leite de Bessa, D. Maria dos Prazeres Cirne de Bettencourt, D. Adelaide Lorena Veloso Corte Real, D. Emilia da Silva Faria Braga, D. Conceição Ferreira Morgado de Sousa e D. Filomena Adelaide Dores Santos Valente.

E os srs.:

Dr. Gil Aires de Gouveia Alcoforado, José Pereira Palha Blanco, Inacio Rebelo de Andrade, Alvaro de Paiva, Fernando Luís de Souza Coutinho Ferreira Pinto Basto, João da Costa Carvalho Talone (Ribamar), Fernando Beires do Vale, José de Albuquerque Pimentel de Vasconcelos e João Valente Teles da Silva (Tarouca).

### Josuha Benoliel

Passa hoje o aniversario natalicío do nosso antigo camarada nas lides da imprensa Josuha Benoliel.

### Pontos de reunião

*Em S. Carlos*

Assistencias elegantes ás duas ultimas recitas de assinatura com as operas «Thais» e «Huguenotes»:

Madame Viscovich, duquesa de Palmela, condessas de Castelo Mendo, de Casal Ribeiro e da Louzã e filha, viscondessa de Alvelos, baronesa de Almeida Santos e filha, D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, D. Izabel O'Neill, D. Maria de Sande Ayres de Campos (Ameal), D. Benedita de Castro Osorio, D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, D. Ana Marques de Freitas e irmã, D. Maria de Lourdes Tito de Vasconcelos Thompson, D. Alda Guedes Pinto Machado, D. Maria Guedes de Almeida Coutinho e filha, D. Zulmira Franco Teixeira, D. Eponina Mackee, D. Elvira Jara de Albuquerque de Orey, D. Angela Pinto Leite Carvajal (Jimenes y Molina), D. Maria José Ortigão Burnay Gusmão de Moura, D. Flora Fernandes Tomaz de Sousa Rodrigues, D. Eliza Baptista de Sousa Pedroso.

D. Suzana Garcia Sagastume, D. Francisco de Mendoça Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte) e filha, D. Maria Luiza Roque do Pinho de Oliveira Monteiro, D. Laura Pereira Caldas Garcia Reis, D. Alice Schroeter de Oliveira Pires e filha, D. Elisa da Costa da Cunha Viana, D. Maria das Dores Schwalbach Lobato, D. Rosa Barroso de Morais, D. Tereza de Melo e Castro de Verda (Mairos), D. Maria Cristiana Ribeiro da Silva Cordeiro Feio, D. Rachel Vieira de Matos, D. Maria Cristina Queriol Macieira de Barros, D. Maria Constança de Roma Machado de Paiva Raposo.

D. Maria Augusta de Sampaio Forjaz de Trigueiros, D. Maria Fernandes de Aguiar, D. Maria das Mercês Bianchi Plantier, D. Maria José de Barros Belmarço, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Luiza Portocarrero da Mota Ferreira Cardoso, D. Judite de Sousa e Faro de Lancastre, D. Isabel de Ortigão Burnay Belo, D. Maria de Antas de Oliveira Reis, D. Deolinda da Fonseca, D. Ermelinda Bon de Sousa da Mota Marques, D. Beatriz de Sousa e Faro de Aguiar, D. Luiza de Seixas e filha, D. Josefa Street Caupers, D. Alice Sauvinet Bandeira Bastos, D. Sofia de Laxman Ferreira Pinto Basto Mac-Nicoll, D. Stella de Navarro de Andrade Belmarço da Costa Santos, D. Vera Ferreira Pinto Basto Ribeiro da Cunha, D. Maria de Lourdes da Costa de Sousa de Macedo Sassetti, D. Margarida da Motta Marques Soares Leite, D. Julieta Vaz Bernaud Alves, D. Clotilde Bon de Sousa Carneiro, D. Ana Cabral da Silva e filha, D. Maria Amelia Ayres de Campos de Barros Menezes Moreira, D. Leonida Ferreira Marques, D. Antonia Taborda Couto Bandeira de Melo, D. Adelaide Bramão, D. Maria Ernestina Soares de Albergaria Olavo.

D. Maria Luiza Schroeter de Oliveira Pires de Sommer, D. Ester Buzaglo Abecassis, D. Vera de Bettencourt Olavo, D. Maria Antonia Tedeschi Placido de Melo Breyner (Mafra), Madame Martinho Nobre de Melo, D. Maria Pereira de Melo, D. Berta Macieira Reis, D. Margarida de Oliveira Aguiar, D. Margarida Bon de Sousa Rôxo da Mota Marques, D. Lidia de Maia Cabeça, D. Judith Maia de Carvalho, D. Maria Margarida Street Caupers de Bragança (Lafões), madame Magalhães Diogo e filhas, D. Henriqueta Alves de Carvalho Simões Ferreira, D. Corina de Carvalho Megre, D. Claudina Vieira da Silva Campos, D. Maria Luisa Bramão Reis de Morim, D. Lucilia Maria Cesar Ferreira, D. Marta Borges Horta e Costa, madame Borges, D. Maria de Lancastre (Louzã), D. Emilia Brederode Smith, D. Barbara de Laxman Ferreira Pinto Basto, D. Angelina Plantier, D. Isabel Van-Zeller de Rouré, madame Anahory Pinto, D. Maria Ferreira Pinto Basto, D. Mariana e D. Maria Tereza Pinto Coelho, D. Olga de Freitas Branco Sassetti, D. Irene Roque do Pinho (Alto Mearim), D. Catarina de Melo e Castro de Vilhena, D. Hortense Costa, D. Maria Sofia de Campos Henriques de Almeida (Pinhel), madame Vasconcelos Correia, D. Maria Tereza Vecchi Pinto Coelho, D. Maria Vitorino, D. Maria Luiza, D. Maria Carlota Paiva Raposo, D. Virginia Luisa Cardoso, etc., etc.

*Agenda*

A nossa «èlite» dá «rendez-vous» ámanhã, em S. Carlos, 13.ª récita de assinatura, com a «Thais»; no Coliseu dos Recrèios, estreia da nova companhia de circo e na «soirée» da moda do Cinema Condes.

**THEATRO SÃO LUIZ**
EMPREZA A. RAMOS, LIMITADA
**Concertos BLANCH**
Domingo, 15—Matinée ás 3 horas da tarde
**7.º concerto de assignatura**
**GRANDIOSO FESTIVAL WAGNERIANO**
pela
ORCHESTRA SYNFONICA PORTUGUEZA
dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH
PROGRAMA — 1.ª PARTE: I Fausto, ouverture, **Wagner**—II Maestros cantores—Canto de Walter no concurso, **Wagner** (violino solo, sr. Flaviano Rodrigues)—III Tristão e Isolda, morte de Isolda, **Wagner**.
2.ª PARTE: IV Parsifal, Encanto da Sexta Feira Santa, **Wagner**—V Crepusculo dos Deuses, Cortejo funebre á morte de Siegfried, **Wagner**—VI A Walkyria, Cavalgada das Walkyrias, **Wagner**.
3.ª PARTE: VII Siegfried, Murmurios da floresta, **Wagner**—VIII Tannhauser, ouverture, **Wagner**.
A orchestra é augmentada conforme as exigencias das partituras
**Bilhetes á venda**

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

**NACIONAL** Telefone C. 2049

**Hoje - ás 21**

4.ª RECITA DE ASSINATURA

1.ª representação da peça espanhola, em 3 actos

**O Centenario**

Original dos Irmãos Quintero tradução de Alberto Morais

Protagonista **JOSÉ RICARDO**

Ensceação de Augusto de Melo — Scenario de Campos & Oliveira

Os principais papeis por: **Ilda Stichini, Augusta Cordeiro, Acacia Reis, Laura Hirsch, Ana de Oliveira, Joaquim Costa, Rafael Marques, Jorge Grave e Luís Leitão.**

**POLITEAMA**

Telef. C. 1028 A's 21,15

A notavel peça de BRETÓN, admiravel criação de Lucilia Simões

**Z A' Z A'**

que ainda **ámanhã** e **depois** se repete, em virtude do seu grande exito

SEGUNDA-FEIRA, 16 — Definitivamente — Recita extraordinaria — Festa da eminente actriz **Lucinda Simões.**

**Idilio de velhos e Visita de casamento**

**Orquestra Sinfonica de Lisboa**

sob a regencia de FERNANDES FÃO

Domingo, 15 — Concerto extraordinario GRANDE FESTIVAL WAGNERIANO

**AVENIDA**

A PEDIDO

**Pai Simão**

Terça-feira Reaparição de **Luísa Satanela e Josefina Silva** **O Toureador**

**Apolo**

**HOJE — ás 21,15 — HOJE**

**E todas as noites**

**É O LEVAS!...**

No dia 20 deste mês — Festa artistica de **JUSTINA DE MAGALHÃES**

espectaculo de completa novidade

RUA DO AMPARO

A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA

TELEF. C. 3541


# LITERATURA

**"Espirituais" por Oliva Guerra**

**O primeiro livro de uma poetiza**

O *Diario de Lisboa* transcreve hoje do livro de versos *Espirituais* da distinta poetisa e nossa colaboradora sr.ª D. Oliva Guerra, seis sonetos. Brevemente o nosso critico literario terá a palavra.

## VENTURA

A ventura é uma deusa de quimera
De quem tudo o que vive se enamora.
E' para todos um clarão de aurora
Que entre os sonhos do espírito se gera.

Porém a nossa aspiração opera
Tantas mudanças nela de hora a hora,
Que já deixa de ser ventura agora
Aquilo que ha momentos inda o era.

Se alguma vez na vida acaso a vemos
E para ela ansiosa mão estendemos,
Desaparece, apenas lhe tocamos.

E assim, correr sobre ela sem parar
E' condão nosso e sina singular,
Porque ela está... só onde nós não estamos

## A ESPERANÇA

Sómente a esperança nos consegue dar
Da ventura a ilusão sempre constante.
Só ela muda em luz a sombra errante
Do nosso sempre eterno desejar.

Pelo poder que tem de transformar,
Aproxima de nós a todo o instante
Um momento feliz, sempre distante,
Que todos nós sonhamos alcançar.

«Amanhã...», diz a nossa alma esperançada
Com o olhar nessa luz enfeitiçada
Que para tudo mais quasi nos cega

«Amanhã» é a voz de oiro da quimera
Que até morrer ouvimos, sempre á espera
De um «amanhã» melhor... que nunca chega.

## A SAUDADE

Eco triste de um bem que se evolou,
Reflexo de uma extinta claridade,
Tem o estranho poder, sempre, a Saudade
De dar vida ao que o tempo sepultou.

Revivendo num «ontem» que passou
A essencia de uma eterna mocidade,
E' um sonho de morte e de ansiedade
Que a vida, de sonhar jámais cansou.

«Ontem» reveste-se da lus intensa
Em que toda a saudade se condensa
Tornando as coisas mortas imortais.

Em «ontem» ha o encanto indefinivel,
Essa atracção suprema, irresistivel,
De tudo aquilo que não volta mais.

## REGRESSO

Tudo em redor me fala só de ti.
Tudo o que foi ressurge lentamente:
Lugares que percorri de alma contente,
Ecos de frases que, feliz, te ouvi...

E, no emtanto, é tudo hoje tão diferente!...
Tudo mudou depois que te perdi.
Em tudo ha sombras que jámais lhe vi.
Já nada é igual. E' outro todo o ambiente.

A luz mudou, o céo tem outra côr.
Ha folhas mortas, ar desolador...
Nada resta de outrora. Que ansiedade!...

Mas tudo me parece assim mais belo..
Porque o que vejo só consigo vê-lo
Através de uma névoa de saudade

## PORQUÊ?

Nem eu sei bem dizer porque te amei
Agora que este amor emfim morreu.
Olho o que fui: meu Deus! Já não sou eu
Que hoje vibro nessa alma que te dei

Como o tempo transforma!... E envelhece
Este amor sem que eu saiba por que lei!..
Sofri muito por ti, é só o que sei.
Diferiu nisso o meu amor do teu.

Mas como é que afinal eu te quiz tanto?
Inda agora, quebrado já o encanto,
A mim mesma o pregunto sempre em vão:

O amor mais perigoso é sempre aquele
Que tudo, dentro em nós, subjuga e impele
Sem que possa explicar-se-lhe a razão.

## CONCLUSÃO

Tinha que ser, amor... Quando te vi
Pressenti logo aquilo que se deu.
Destinara-te Deus para ser meu.
A mim propria não mais me pertenci.

Dei-me ao destino... Amei, lutei, sofri...
Nesse tempo que sobre nós correu
Só quimeras seguiste... Tambem eu.
Embora!... Amei, chorei: logo, vivi.

Nada lamento do que se passou.
Nem mesmo acuso, sendo hoje o que sou,
Da sorte esquiva o tragico vai-vem.

Aprendi neste amor o que é viver:
Sou feliz. Este amor tinha que ser...
Tinha que ser, amor... Ainda bem.

# Coliseu dos Recreios

## A sua reabertura, ámanhã, com uma nova companhia de circo

D'entre as casas de espectaculos de Lisboa, cita-se, com toda a justiça, o Coliseu dos Recreios, como sendo a que dá mais variados e artisticos espectaculos e a mais comoda e economica de todas elas. E de facto assim é. A actual Empresa contractou uma nova companhia de circo que ámanhã ali se estreia e que é composta pelos artistas mais celebres e de maior reputação mundial, cujos trabalhos têm alcançado nos circos estrangeiros o mais formidavel e extraordinario exito.

Excessivamente dispendiosa pelo constante agravamento de cambios, à nova companhia, organizada sob a inteligencia e competencia de Mr. Léonard Parish, empresario e director do Circo Parish de Madrid, trás nos seus programas as mais assombrosas novidades do mundo, cujo contracto a actual Empresa firmou sem outro intuito que não seja o de corresponder aos favores que o publico lhe tem dispensado, dando-lhe assim os seguintes numeros: *Les Stones*, magnificos equilibristas; *Fasola*, o mais notavel ilusionista dos ultimos tempos; *Christian Cristensen*, invencivel campeão pedestre do mundo; *Les 4 Serierse*, inimitaveis ginastas; *Les Soeurs Carré* e *Ernest Edith*, artistas equestres da maior reputação; *Massagen*, notabilissimos acrobatas japoneses; *Troupe Staig*, maravilhosos motociclistas que executam o sensacional e arriscadissimo numero *Looping the loop* dentro de um globo de aço; *Troupe Reinat*, mais conhecida pelas *Aguias humanas*, que executam vôos surpreendentes; *Lintens*, ciclistas de extraordinario valor; *Lucy Marry*, assombrosos acrobatas olimpicos, e *Busto*, celebre domesticador de macacos, cães, gatos e ratos.

Nestre programa, que é, incontestavelmente, superior dadas as maravilhas que vão exibir-se, figuram tambem os simpaticos e engraçados *clowns* Rico & Alex e Irmãos Albano com quem a Empresa renovou contractos a pedido dos seus muitos admiradores e amigos e que apresentarão os mais interessantes e hilariantes intermedios comicos.


**TEATRO CHIADO TERRASSE**

Companhia LUZ VELOSO

**Grandioso exito**

HOJE — A comedia em 3 actos, adaptação de **André Brun**

**O JUÍS DE FÓRA**

**TEATRO SALÃO FOZ**

Empresa Artur Emauz

**Companhia Otelo de Carvalho**

HOJE Em permanente exito

Duas sessões — com a imortal revista

**BICHINHA GATA...**

Ampliada com 5 numeros novos

Mademoiselle dos três oitos — **A indecisa — A tagarela** — O homem das lãs e Novos Fados por TINA COELHO

O gracioso «compère» por ANTONIO GOMES (da Trindade) — Brilhantes papeis por LAURA COSTA e LINA DEMOEL

Sucesso de gargalhada **OS POLKISTAS**, por OTELO DE CARVALHO e JULIA DE ASSUNÇÃO — **PREÇOS POPULARES**

**EDEN-TEATRO**

Empresa Henrique Barreiros, Limitada

Companhia de revistas de Antonio Macedo, de que faz parte o actor Nascimento Fernandes

**HOJE**

Espectaculo inteiro — ás 21 horas e meia

Recita de homenagem ao querido e popular actor NASCIMENTO FERNANDES — Pela primeira vez o celebre quadro «Pax» da revista «O Novo Mundo» em que por uma gentil e amavel deferencia os ilustres artistas

**Estevam Amarante e Rafael Marques**

retomam os seus antigos papeis no quadro FADO DO GANGA e o «compère» José Cabhoto

O Fado dos Coxos, por Nascimento Fernandes.

Primeira representação

**1922**

quadro novo da imortal revista

**TIC-TAC**

A peça de maior sucesso da actualidade — O exito formidavel do EDEN — O eterno e famoso TIC-TAC


## O GERANIO VERMELHO

### Um concerto de Arte no Condes

Constance Palmadge é a protagonista do drama americano em 5 actos *O Geranio Vermelho* que hoje tem a sua estreia no Cinema Condes. Dizer-se que o programa de hoje é magnifico, é inutil. Basta saber que nele figura a interessante estreia de ante-ontem, *O seguro morreu de velho* e o notavel «film» oriental *Os 5 gentlemans malditos*. A'manhã, na *soirée* da moda, realiza-se mais um concerto de arte em que o ilustre professor Carlos Quilez executará um solo de violoncelo.

Brevemente o colossal «film» de aventuras *Os misterios do Oriente.*


**STORES DE MADEIRA**

RUA DO SECULO, 149

**Gama**

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS para todas as

**LOTERIAS**

Fornece para revender

PREÇOS CORRENTES

***Pelo correio mais $15 para registo***

Telefone: 1:020 — CENTRAL

Pedidos a

**F. SILVA GAMA**

R. do Amparo, 51 — LISBOA

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

# A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

## Chá das cinco

### O elogio da mulher feia

*Desde que o mundo é mundo e a Arca de Noé despejou sobre a terra os varios reprodutores da imensa bicharia que hoje vive á superficie do globo, houve sempre entre os homens o culto da mulher bonita.*

*A beleza feminina inspirou, desde os tempos longinquos em que o homem aprendeu a transmitir ao papel o pensamento, uma biblioteca maior que a da Alexandria. As grandes tragedias, as grandes paixões e até as pequenas comedias da vida tiveram sempre como ponto de partida dois olhos de mulher, onde se reflecte toda a alegria de viver compreendida ou toda a tristeza de morrer incompreendida.*

*A mulher bonita alcançou todos os direitos sobre a mulher feia. Não pode ser assim! Não deve ser assim! Deus, quando moldou á sua imagem e semelhança o barro inicial, não fez da costela de Adão a mulher bonita ou a mulher feia — fez a mulher.*

*O egoismo da mulher bonita não ha-de querer que lhe pertençam todos os direitos. A mulher feia tambem é mulher. Eu direi mais: a mulher feia é mais mulher do que a mulher bonita.*

*Já pensou algum dia a mulher bonita que me lê na tragedia intima duma alma que sente fugir-lhe a ventura, o amor, a alegria de viver só porque Deus não lhe deu um palminho de cara para olhar de frente o desdem dos homens?*

*Quem procurou adivinhar a dôr da mulher feia, que Deus esculpiu com o mesmo barro da mulher bonita, quando os homens têm o supremo orgulho de passar por ela como cão por vinha vindimada?*

*Não! Não pode ser! Os premios que agora foram instituidos numa cidade da Alemanha para os homens que casarem com mulheres feias constituem uma afronta para a dignidade das mulheres. A mulher feia tambem têm o direito de casar por amor. Tem ainda mais direito do que a mulher bonita.*

*Pois não é assim, gentilissima leitora a quem Deus não concedeu o dom da beleza?*

Norberto Lopes

## MALAS POSTAIS

São ámanhã expedidas malas postais, pelo «Wolfran», para a Madeira, Bissau, Bolama e Africa Oriental, via Madeira, e pelo «Limburgia», para Las Palmas, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás oito horas a ultima tiragem da caixa geral para ambos.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

## Cumprimentos ao sr. ministro da Guerra

O sr. ministro da Guerra recebe ámanhã, pelas 14 horas, os cumprimentos da oficialidade em serviço no ministerio, na 1.ª divisão do exercito, no campo entrincheirado e nos estabelecimentos dependentes da sua secretaria.

## No Maxim's

Lisboa anima-se com o importante concurso dos magestosos Clubs como o Maxim's, na praça dos Restauradores, n.º 43, aonde hoje se realiza mais uma festa elegante.

O sarau começo ás 22 horas e a ele deve concorrer a nossa melhor sociedade e grande numero de estrangeiros «habitués» deste club.

A'manhã quarto baile de mascaras que promete ser um dos melhores do Carnaval, atendendo ás combinações de mascaras que já existem.

## PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

# A peça "Juiz de Fóra" de André Brun

### REPRESENTADA NO CHIADO TERRASSE PELA COMPANHIA LUZ VELOZO

*Juiz de fóra* é uma comedia burlesca, de autoria alheia, adaptada livremente, com certeza muito livremente por André Brun, escritor consagrado de farças e humoradas, revistas e comedias gervasianas. André Brun é amigo de todos os rapazes do jornalismo, amigo, pois, se não do *Diario de Lisboa*, que não está para ele em ar de santidade jornalistica (Brun é velho amparo literario da *Capital* de gloriosas tradições), senão amigo do *Diario de Lisboa*—dizemos—amigo do nosso director e de nós proprios. Fica o leitor habilitado, pois, a classificar de suspeita esta resenha em cimentarios.

***

*Juiz de fóra* tem o condão de fazer rir a plateia, ainda que nem todos os homens que estão na plateia sempre se dêem á facilidade de rir. *Juiz de fóra* tem muita graça, esplendidos ditos, surpresas, scenas imprevistas e muito teatro, metido um dentro do outro como as cadeiras nas cambalhotas de cadeiras que vão de abarcar. Posto isto, que é a condição primeira de agrado para a empresa e para o autor—que não visava outro objectivo—*Juiz de Fóra* é uma peça mediocre. Podem dizer que me falta a autoridade, mas quem está agora com a pena na mão sou eu.

***

No *Juiz de Fóra*, peça excelentemente recebida pela critica, ainda a mais severa, a graça é constituida por cinco factores: o imprevisto, o inverosimil, o paradoxo, o trocadilho e o disparate. Graça de espirito salutar aparece menos. Como a peça é uma adaptação, queremos crer que á graça pura gervasiana, o que quere dizer portuguese, que lá se encontra seja exactamente aquela que esta incluida na designação *liberrima*. O grosso da piada do dito, tem um ar internacional, muito francês acentuado das comedias baixas e das legendas das caricaturas. Isto passa despercebido ao publico que o que pretende é pôr as mãos nas ilhargas. Seria pois preferivel que o autor tivesse feito a peça toda á sua custa, o que além de ser mais nobre, seria com certeza mais proveitoso, se não para o publico, para a reputação literaria e humoristica de André Brun.

O juiz de Santarem, que vem a Lisboa, é um juiz qualquer de uma cidade franceza de quarta ordem que vem a Paris. Esta-se a ver. Cristovão Aires aludiu na sua sempre interessante reportagem do nosso *Diario de Noticias* (meu e dele) á justesa dos tipos provincianos da comedia *Juiz de fora*. Enganou-se o meu ilustre colega, e eu tive isso muito em atenção, durante o espectaculo. *Helena* não pode ser, em Portugal, tratando o impossivel amante por *meu amigo*, uma senhora provinciana, e muito menos em Santarem. A *criada* e a *costureira* tambem não são, não podem ser escalabitanas. O *primo Pacheco* é um tipo cosmopolita da amnesia; de Santarem só tem a côr da pele a adivinhar Ribatejo. O *Pampilhosa*, é um tipo tanto de Santarem, como de Lisboa, como dos arredores de Paris.

Assim, o caracter de peça não existe. E isto é importantissimo. A scena de Lisboa tem muita graça, graça que recomendamos ao publico que dela precisa. Mas só tem graça. «Ainda acha pouco?»—dir-nos-hão os actores e o autor. Acho exactamente demasiado, para o sentido que eu tenho da comedia portugueza gervasiana, de que André Brun é legitimamente o herdeiro do titulo e dos processos. Acho demais tanta graça, feita de scenas de suposto quadro de comedia, em revista. Precisava um pouco mais de equilibrio, de verosimilhança. Lá porque se trata de realizar graça, não caiamos em palhaçadas, de fazer rir, só por serem constituidas por disparates. As *pochades*, até na pintura—devem parecer-se com a pintura.

***

O policia—estou talvez em desacordo com todo o mundo (este *todo o mundo* é o tipo de muita graça traduzida que se adivinha na adaptação liberrima); o policia, que faz rir a plateia, foi de todos os personagens o que menos me fez rir. Até para o comico é preciso haver uma seriedade. O comico tem de ser o mais serio dos tipos de scena. Serio no sentido de verdadeiro. Lembro-me de um comico toleravel para uma revista: o *Savalidade*. Este, numa comedia, seria um crime. Mas recordo-me tambem de uma altiva e gloriosa figura de comico, em comedia cantada, que fazia rir como Deus quere, porque era *séria*, isto é, porque era verdadeira: o sapateiro do *Chico das Pegas*. Este tipo de teatro comico não tem nenhum irmão no *Juiz de fora*. Exactamente por causa do juiz... ser de fora.

***

Parece que estou a dizer mal da obra de André Brun, mas não estou. Estou a conversar, num grande á vontade, com o autor, meu camarada mais velho do jornalismo, aqui neste gabinete claro do *Diario de Lisboa*. Isto de estarmos todos de acôrdo, é paralelismo. E' o futurismo da critica. Sejamos desempenados e de boa-fé. Nesta ordem de ideias é que o *Juiz de fora* me surpreendeu, porque ficou áquem do que eu a imaginava em bom teatro.

A peça, porem—e aqui está a noticia—agradou francamente ao publico, e faz rir desalmadamente, o que é—repito—o que fica sendo preciso hoje em dia, em peça de tais propositos.

***

O desempenho, certo. Em papeis desta natureza, todo o desempenho está certo. Não ha um ponto de referencia; trata-se de caricaturar, de desfigurar, e desde que se torça o nariz, ainda que o modêlo não se pareça nada, como ninguem conhece o modêlo—viva Deus!—e eis aqui o teatro da comedia. Penso seria preferivel o tal tipo justo, que corresponde a uma verdadeira arte, e que eu, em desacôrdo com ilustres camaradas, julgo não ter sido encontrado.

A sr.ª D. Luz Veloso perfeitamente á vontade, fez a Helena bem, e exactamente bem porque não desfigurou e acompanhou o verosimil até o possivel. Fez a comedia como ela, no meu conceito, deve ser feita. Declamação, levemente tocada do pó de arroz do comico, mas comedia. Foi com ela que o publico riu menos. Ainda bem.

As personagens de genero infimo, as Jógós, a Seromenho, a criada, a mulher a dias — muito ajustadas aos papeis. Fizeram rir a bandeiras despregadas. O sr. Teodoro Santos tambem satisfez o publico. A nós pareceu-nos sobrio de mais no primeiro acto, para caír na tragedia da risota nos restantes. O *Pescadinha* deu uma interpretação capaz de aguentar a peça por um ano, se ela não estivesse logo segura por conta e obra do autor. Devemos dizer que não gostamos deste tipo da peça Brun, mas confessamo-lo coerente com a indole da obra. O papel representado pelo sr. Almeida Cruz, de perfeita comedia, muitissimo bem. O galã acompanhou o conjunto satisfatoriamente.

***

E foi isto, quanto a nós, o *Juis de fóra*. Peça para o publico, não só o especializado na cultura do disparate, mas para o publico cansado das massadas do Teatro pesado nos dramas e nas teses sociais, a obra de André Brun & C.ª (sociedade anonima de responsabilidade limitada ao primeiro) — tem carreira. E se o publico *encarreirar* de todo para este genero de scena, talvez fique resolvido o problema do teatro em Portugal, não havendo outra cousa a fazer no Nacional se não concursos de adaptações liberrimas, passando o teatro verdadeiro e nobre para os palcos das terras da provincia, com subsidios das Misericordias.

Norberto de Araujo.

## Uma conferencia sobre a provincia de Timor

Com o sr. ministro das Colonias teve hoje uma larga conferencia o sr. dr. Domingos Frias sobre assuntos referentes á provincia de Timor e outros que correm por aquela pasta.

## Os Teatros

### A peça "Juiz de Fóra

*Luz Veloso, Rafael Gomes e André Brun, á semelhança do que se tem feito ultimamente nos teatros parisienses, vão oferecer no proximo domingo, pelas duas horas da tarde uma «matinée» á porta fechada, no teatro Terrasse e com «O Juiz de Fóra», a todos os artistas dos teatros de Lisboa, retidos em geral á noite pelos seus afazeres profissionais. Os promotores desta festa tornam o convite extensivo aos autores e compositores dramaticos, aos jornalistas e noticiaristas teatrais, scenografos, «costumiers», e em geral a todas as pessoas directamente interessadas no teatro.*

*Não se fizeram convites particulares nem se determinaram logares, a fim que os convidados se sintam absolutamente em sua casa e possam dispôr livremente dela.*

*A representação será precedida de algumas palavras de cumprimento e agradecimento pronunciadas por André Brun.*

### Atrás do reposteiro

Saiu hoje publicada no «Diario do Governo» a portaria exonerando, a seu pedido, o sr. Luis Galhardo de administrador do teatro Nacional Almeida Garret e confirmando a eleição, por um triénio, do sr. Augusto Pina para aquele cargo.

— Ontem, ao terminar o ensaio geral do primeiro acto da peça «O centenario», que hoje sobe á scena no Nacional, as pessoas a quem foi dado assistirem, entusiasmadas, irromperam numa vibrante salva de palmas.

— Foi contratada para fazer parte da «tournée» ao Brasil da companhia Lucilia Simões, a actriz Isilda de Vasconcelos, ainda contratada no teatro Nacional.

— O almoço que uma comissão de amigos, artista e homens de teatro oferece ao empresario José Loureiro, só se realiza depois do regresso deste de Espanha e França, para onde parte ámanhã.

— Regressa no dia 16 a Lisboa, vindo de Pinheiro da Bemposta, onde tem estado a descansar, a gentil actriz Cremilda de Oliveira, que vem tomar no espectaculo de homenagem a Molière, ao lado de Chaby Pinheiro,

— O teatro S. Luis encheu ontem literalmente, com um publico escolhidissimo, por motivo de se efectuar a festa dos seus autores D. José Paulo da Camara, Luna de Oliveira e maestro Filipe Duarte, que foram aclamadissimos.

— Espéra-se em Pontá Delgada, segundo comunicações dali recebidas, que a companhia Palmira Bastos, que ainda não tem teatro disponivel no Funchal, embarque no proximo dia 20, no «San Miguel».

— De acordo com uns capitalistas africanos, está-se organizando uma companhia de opereta que irá, no proximo verão, fazer uma «tournée» á Africa, dando espectaculos em S. Tomé, Benguela e Loanda.

— O actor Luis Pinto, que no proximo verão vai dedicar-se á cinematografia, deve estrear-se numa fita comica editada pela empresa Caldevila, de que é representante em Lisboa o escrivão da Boa Hora sr. Tavares de Melo.

— O sr. director de Belas Artes vai dar o seu parecer ao sr. ministro de instrução sobre o pedido de uma sindicancia reclamada pelo comissario do governo junto do teatro Nacional, em face de acusações que foram feitas pelo sr. Afonso Gaio.

—A empreza e os artistas do Terrasse e o autor da peça «O Juiz de Fóra», André Brun, oferecem, no proximo domingo, ás 14 horas, um espectaculo com esta peça aos artistas dos outros teatros.

—Amanhã, em 13.ª recita ordinaria, realiza-se a segunda representação da opera de Massenet «Thais». Domingo, em 14.ª recita ordinaria repete-se o «Tristão e Isolda» sob a direcção de Gui. Segunda-feira será a 4.ª recita extraordinaria com o «Fausto», de Gounod, tambem sob a direcção de Gui.

—Nos teatros do Porto represenlam-se actualmente as seguintes peças: No S. João, «Entre Giestas»; no Sá da Bandeira, «O Pato»; no Aguia de Ouro, a revista «Pica-Pau»; no Nacional, «A vida».

—Mario Duarte e Alberto de Morais adquiriram os direitos da peça hungara de Dregely «Der Fraulenisgatte» (o marido da pequena) e da comedia italiana «Coccotina perbene, de E. Serreta».

—A companhia dramatica Emilia de Oliveira, que, sob a direcção do actor Ernesto Rodrigues, vai percorrer o paiz, as ilhas, indo depois a Africa, compõe-se, além daqueles artistas, de Fernanda de Sousa, Antonia de Sousa, Palmira Baptista, Maria Amelia, Abilio Alves, Pinto Ramos, Telmo de Sousa, Alberto de Freitas, José Miranda e Fernando Baldaque.

### RECLAMES

**Politeama**—Dado o crescente exito da admiravel peça de Breton, «Zázá», a empresa resolveu dar hoje mais um espectaculo.

**Avenida**—Em vista do extraordinario agrado da comedia «Pai Simão», resolveu a empresa Satanela-Amarante dar mais quatro espectaculos com a famosa peça.

**Apolo**—Quem nesta época quizer ouvir a peça «O Fado», de Bento Faria, vá-se prevenindo.

**Eden**—Quando o leitor, deitado já na cama, pegar no nosso jornal para saber as noticias do dia e ao lêr esta secção deve ficar com pena de não ter ido á festa de Nascimento Fernandes que hoje se realizou, repleta de numeros sensacionais.

**Coliseu dos Recreios**—E' definitivamente ámanhã que se realiza a estreia da grande companhia de circo que traz no seu programa as maiores celebridades.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

# A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

CAFÉ A 20 CENTAVOS

## O Teles DA BRASILEIRA

### é entrevistado pelo "Diario de Lisboa" e diz da sua justiça

*A vida encareceu 12 vezes mais e o café subiu apenas 4 vezes — é o seu grande argumento*

O sr. Adriano Teles, o proprietario das *duas Brasileiras*, veiu á nossa redacção.

— Que tem muita consideração pelo *Diario de Lisboa*, mas que fomos injustos para com ele, quando aqui nos referimos ao aumento do preço do café.

— Queira o sr. Teles dizer de sua justiça, que o nosso jornal tem muito gosto em registar as suas palavras. O sr. Teles:

— Admiram-se então de que uma chavena de café custe 20 centavos! Fiquem sabendo que quando a *Brasileira* vendia uma chavena de café por 4 centavos, uma arroba custava 6$00 e um quilo de açucar 24 centavos. Hoje uma arroba de café custa 52$00 e um quilo de açucar 1$70.

Concordámos. O sr. Teles continuou:

— A vida subiu, em média, 12 vezes mais, e, no emtanto, *A Brasileira* apenas subiu no seu café quatro vezes mais.

Mas não ficou por aqui o sr. Teles. Leiam:

— Antes da guerra, uma arroba de café custava no Rio 6 a 7 mil réis fracos. Hoje custa 22:000 fortes. O frete duma arroba do Rio de Janeiro para Lisboa, quando os alemães não tinham entrado ainda na Belgica, importava em 130 réis. Depois que os aliados fizeram o tratado de paz, importa em 1$200, moeda brasileira, ou sejam 2$00 ao cambio do dia.

Continuámos a ouvir o sr Teles sem fazer uma observação. O sr. Teles estava dentro da logica dos numeros. Leiam:

— Quinhentos sacos de café brasileiro custam, postos no Tejo, 50.968$50 (moeda forte) ou sejam Lb. 1.619.6.3, ao cambio de 4 3|8= 88.830$84 em moeda portuguesa. Cada 15 quilos, portanto, custam 44$41,5. Acrescentemos-lhe 5 por cento para descarga, 2$22 para armazenagem, quebras e seguro e 5$00 para direitos de alfandega e carreto. Soma tudo 51$63.

«Antigamente, uma arroba de café pagava de direitos alfandegarios 2$70 e de carreto 70 centavos por cada carroça de 16 sacos. Hoje paga 5$00 de direitos e 7$00 de carreto.

— Ainda mais, sr. Teles?

— Ouça! Ouça! A torrefacção e moagem do café era de 20 réis por quilo. Hoje custa 20 centavos! E os ordenados? E as rendas de casa? E as louças?

Concordámos, concordámos, concordámos.

O sr. Teles tambem não ficou satisfeito com o adjectivo moderno que empregámos, quando nos referimos á sua pessoa. O sr. Teles, em boa verdade, não é um indesejavel. Nem um nativista brasileiro. Pois se êle é português, um português de lei, que honrou sempre o nome português em terras de Santa Cruz! Tem razão o sr. Teles. Indesejavel, não. Quando muito, indesejavel—porque nós não lhe desejamos aquela doença de coração, que o preocupa mais do que o proprio aumento do preço do café.

## A colonização europeia e o seu alargamento

O sr. ministro das colonias pensa em promover tanto quanto possivel o alargamento da colonização europeia nas nossas colonias.

## A marinha colonial de Macau

Foi autorizado o governador de Macau a organizar a marinha colonial naquela provincia.

À MARGEM DAS HERANÇAS

## A SENHORA DUQUEZA DO PORTO NÃO QUERE NADA

### O SR. DR. JOSÉ MONTÊZ ENTREVISTADO PELO "DIARIO DE LISBOA" DIZ QUAIS AS INTENÇÕES DA VIUVA DO INFANTE D. AFONSO; QUE É SUA CONSTITUINTE

Quando a sr.ª Dona Nevada de Bragança, que pela conversão ao catolicismo se passou a chamar Maria Pia de Bragança, esteve em 1919 em Lisboa, anunciou-se que vinha fazer reclamações de bens pertencentes á casa de seu defunto marido.

D. Nevada de Bragança foi-se embora, e nunca mais se ouviu falar de semelhantes reclamações.

Sabia-se só que a viuva do infante, irmão do rei D. Carlos, tratava da trasladação dos restos de seu marido para Portugal.

A duquesa do Porto está agora de novo em Portugal, e já se disse — e já se desmentiu — que ela além de vir presidir e dirigir o enterro de D. Afonso, vinha de novo pôr as suas reclamações de propriedades e outros bens.

A' roda das más vontades que a duquesa do Porto tem em Portugal e más vontades que não discutimos, juntou-se naturalmente o clamor daqueles que a começaram a vê-la como uma simples interesseira, cuja dedicação apregoada e incontestavel pelo bravo português que foi D. Afonso de Bragança, seria pois artificiosa.

**O dr. José Montez, advogado da duqueza do Porto, disse-nos ontem:**

**—Não è certo. Eu proprio desta vez não** me tinha avistado com a senhora duqueza. De resto, já foi desmentido.

—E foi ao Avenida Palace?

— Depois da noticia do *Seculo*, sim. E' absolutamente falsa. A senhora duqueza não se preocupa agora se não com o funeral do seu esposo, o Infante D. Afonso de Portugal.

—Agora . . .

—Agora sim. Da conversa que tive com a senhora duqueza não depreendi nenhuns propositos futuros. Não sei.

—E dos passados.

—Mas isso já foi resolvido. Uma lei de 1911 autorizava a familia dos exilados Braganças a entrar na posse dos seus bens e valores particulares. Houve depois varios despachos ministeriais.

—A senhora duqueza já recebeu . . .

—Não recebeu cousa alguma, embora já tenha autorização para receber. Não entrou em posse porque não se tem preocupado com isso.

—E que bens são esses?

—Cousas particulares de pouca monta.

—Como?

—Como quadros, retratos, lembranças, carros, objectos de uso.

—De muito valor?

—Tudo é relativo, tudo tem valor. Para a fortuna dela, de minimo valor.

—De modo que...

—De modo que, eu, que sou antigo advogado da Senhora Duquesa do Porto, não conheço essas reclamações a que aludem as pessoas que não simpatizam com a viuva do sr. D. Afonso. A Senhora Duquesa, pelo reconhecimento de seu esposo á lei portuguesa, pretende apenas que lhe reconheçam o seu estado civil.

—Mas isso pode ser tudo!

—D. Afonso—explicou o ilustre advogado, não tinha bens de raiz...

—Falou-se em propriedades?

—A respeito disso só sei que a minha ilustre constituinte, a quem nem sempre é prestada a justiça que as suas qualidades de isenção e dedicação merecem, pretende viver em Portugal, á beira do mar, ou perto do mar, e para isso pretendeu alugar um palacio que tivesse sido pertença do seu esposo.

—Um palacio?

— Uma casa que fosse. Estas coisas não se discutem. São sentimentos. Podem adulterar-se segundo a vontade critica de cada um, mas não deixam de ser sentimentos respeitaveis.

— E conseguiu?

— Ora, conseguiu... Bem vê que não. Julgo que vai comprar um palacete particular.

O sr. dr. José Montez fala deste assunto num grande á vontade, dando a impressão que se está tratando de um assunto a ele, advogado, estranho.

— A senhora duquesa do Porto é altamente inteligente, mas não se rodeia de exageradas precauções de protocolo, não se mete numa torre de marfim. Esta qualidade, que é uma virtude, interpretam-na mal. Escrevem-lhe cartas anonimas. Chamam-lhe aventureira.

— Sim?

— Quere ver?

E deante de nossos olhos aparece um montão de cartas anonimas.

— De modo que o dr. José Montez é um advogado *in nomine*.

— Assim é, até certo ponto neste momento. A senhora duquesa não me tem incumbido de nenhumas diligencias . . .

E a rematar:

— O que lhe digo é que essa senhora tem sido vitima, já não digo de constantes extorsões de dinheiro, mas de afrontas e indelicadesas, uma delas bem visivel em notas duma tradutora, e que profundamente a tem maguado Não parece lisongeiro para nós, portuguêses . . .

E por aqui ficou, Mas nós adivinhamos que a seu tempo, possivel é, alguma cousa haja de interessante a dizer.

## OS legionarios portugueses em Marrocos

### O que se pensa fazer para promover o repatriamento?

Os portugueses que se alistaram na Legião Estrangeira do exercito espanhol, apesar das facilidades que há para aqueles que se queiram repatriar, continuam a reclamar o auxilio das autoridades portuguesas, que até hoje ainda não deram um passo para deferir o seu pedido.

O sr. Guilherme Coelho, rua Maria Pia, 173, cave, esquerdo, apela para o «Diario de Lisboa», a fim de que seu filho seja repatriado, por não querer continuar a fazer parte da Legião Estrangeira de Marrocos. Rogerio Silva, soldado do «Tercio» Estrangeiro, aquartelado no acampamento de Refiem, em Ceuta, é menor e alistou-se como «chauffeur», sem autorização de seu pai.

O sr. ministro dos Estrangeiros não deve esquecer que há outros portugueses em Marrocos que pretendem voltar para a sua terra. Se o repatriamento dos soldados ingleses se fez com tanta facilidade e até comodidade, porque não há-de fazer-se da mesma maneira o dos legionarios portugueses que queiram regressar a Portugal?

O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.

## Uma entrevista deprimente para Portugal

### Efectuaram-se hoje algumas prisões de pessoas implicadas no caso

No gabinete do adjunto da P. S. E. encontram-se presos os srs. Nogueira Junior e Augusto Marques, respectivamente director e editor do jornal *O Radical*, que foram detidos esta manhã, sob a acusação de terem publicado naquela gazeta uma entrevista com um subdito espanhol, deprimente para Portugal.

Apesar das diligencias empregadas pela policia ainda não foi preso, até á hora a que escrevemos, o entrevistado, estando já tomadas todas as providencias para que não possa sair de Lisboa.

O sr. Araujo Regallo, o redactor do *Radical* que escreveu a entrevista, foi tambem preso e anda na companhia do chefe Zeferino da Silva, da P. S. do E., á procura do espanhol.

UMA CONFERENCIA

## O actor SR. CARLOS ABREU

### é entrevistado pelo "Diario de Lisboa" e diz da sua vida

*A sua carreira artistica, o teatro no Japão e a conferencia de ámanhã no Teatro Nacional*

No proximo dia 18 do corrente, no espectaculo de gala que o teatro Nacional realiza, comemorativo do tri-centenario de Molière, deve aparecer ao publico de Lisboa, pela primeira vez, um novo actor, *doublé* de jornalista e *reporter* interessante, nosso confrade da imprensa brasileira, antigo redactor do jornal *A Noite*. Carlos Abreu, que o *Diario de Lisboa* já ouviu a proposito do Brasil actual, vai realizar amanhã, no salão-nobre do mesmo Nacional, uma palestra sobre o Teatro no Japão e entrará definitivamente na sua carreira de artista, na nossa terra, quando se estrear, entre nós, a companhia Cremilda de Oliveira-Chaby Pinheiro. Foi, portanto, sobre a sua vida de teatro que o jornalista colega interrogou ontem Carlos Abreu, da maneira seguinte:

—Ha quantos anos é actor?

—Ha onze anos. Debutei em Campos, uma encantadora cidade do Estado do Rio, a 8 de Março de 1911. Fiz a minha estreia no Rio de Janeiro, seis meses depois, na companhia Cristiano de Sousa.

—Foi êsse o seu Mestre?

—Sim, o meu grande Mestre. Devo-lhe muito. Foi êle quem guiou os meus primeiros passos em scena.

—Esteve tambem no Municipal, do Rio, e, se não me engano, foi ali que criou a principal personagem da *Bela Madame Vargas*, de Paulo Barreto, não é exacto?

—Sim, trabalhei nas duas temporadas oficiais do Municipal, de 1912 e 1913. Creei o *Barão Belfort*, da *Vargas*, em Outubro de 1912, e devo dizer-lhe que é êsse um dos meus papeis predilectos.

—Tem então outros de que gosta muito?

—Mais dois talvez que na verdade estremeço — permita-me o termo —: O *André Jossan* da «Castellã» e o pobre *Claudio Merillot* da «Marcha Nupcial». O primeiro por ser o «typo», que eu desejava bem, ser na vida. Ah! Tenho inveja — acredite — daquela bondade, daquela bonhomia, daquele optimismo . . . Quanto ao *Claudio* da peça de Bataille, comove-me profundamente a sua simplicidade, o inevitavel infortunio! Depois, já me encontrei frente a frente com uma situação semelhante a uma certa scena do 4.º acto. . . Já lá vão anos. Emfim, ao representar a peça, sempre me recordo mais vivamente do que passou.

—Com que artista representou a *Marcha* e a *Castelã?*

—Com Italia Fausto, de quem fui *partenaire* durante três anos consecutivos.

—Lembram-lhe alguns papeis seus, de destaque, nesse repertorio?

—De corrida, posso apresentar-lhe: *Luís Fernandes*, da *Morgadinha; Loris Ipanoff*, da *Fedora; Camilo*, da *Thereza Raquin; Jesus Cristo*, do *Martir do Calvario; Maximo Odiot*, do *Romance dum moço pobre; Artanezzo*, do *Escandalo; Hemon*, da *Antigona*, etc.

—E na companhia Chaby quais são os seus papeis?

—Os do meu distinto colega e querido amigo Ribeiro Lopes, entre os quais me são particularmente simpaticos, o *De Dernay*, da *Minha Mulher Noiva Doutro*, e *Landry*, do *Emigrado*, uma formidavel criação do ilustre artista sr. Chaby.

—Está contente por vir a Portugal?

—Radiante, meu amigo. Ha tanto tempo que queria vir!... Comtudo, venho mais tarde do que queria. Se fôsse ha um ano antes!...

*(Vêr continuação na 8.ª pagina)*

# SOCIEDADE INDUSTRIAL ALIANÇA

## Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

## CAPITAL: ESC. 10.000.000$00

*Emissão de 5:000 contos, em acções de Esc. 100$00 com direito ao dividendo do corrente ano*

**De acordo com os estatutos, acha-se aberta, na séde desta Sociedade e na Filial do Porto, Rua Santos Pousada, 380, a subscrição para os actuais senhores accionistas, até ao dia 31 de Janeiro de 1922, para a nova emissão de 50:000 acções de Esc. 100$00 ao par, nas seguintes condições:**

**Esc. 25$00 por cada acção a liquidar no acto da subscrição.**

**Esc. 25$00 por cada acção a liquidar até 15 de fevereiro de 1922.**

**Esc. 50$00 por cada acção a liquidar até 15 de março de 1922.**

**Cada senhor accionista terá direito a uma acção nova por cada duas que possua.**

**Os senhores accionistas que desejarem usar do direito de preferencia, deverão apresentar, no acto da subscrição, as acções da primeira emissão para serem carimbadas.**

**Qualquer subscritor que, dentro do prazo estabelecido, não satisfaça o pagamento da segunda ou terceira prestação, perderá o direito á subscrição e á importancia que tiver pago.**

**A emissão acha-se tomada firme por um grupo financeiro.**

**Lisboa, 11 de Janeiro de 1922.**

**Pela Sociedade Industrial Aliança,**

*O Conselho de Administração*

*Empreza Internacional, L.da*
*Rua Augusta, 76, 1.º*
*TELEFONES: CENTRAL 5052 e 346*
*TELEGRAMAS:---GALVANICA*
MAQUINAS ELECTRICAS
GARBE LAHMEYER & Co A. G.

*Fonsecas, Santos & Vianna*
**BANQUEIROS**
ESTABELECIDOS EM 1861
**Rua do Comercio, 116 a 132**
Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

# DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

EM ESPANHA

## A CRISE MINISTERIAL E A OPINIÃO DOS POLITICOS

### Parece que Maura se conservará no poder

### saindo La Cierva da pasta da guerra

*MADRID, 13.*

*Os presidentes da camara e do senado e os ex-presidentes de conselho, marquês de Alhucemas, conde de Romanones e Allendesalazar, sendo consultados hoje pelo rei sobre a crise, foram unanimes em aconselhar a conservação, como indispensavel, do sr. Maura no poder, mas este, como de resto qualquer outro gabinete que lhe suceda, deve previamente munir-se de um decreto que dissolva ou altere profundamente as juntas militares. Outras personalidades politicas em destaque foram convocadas para hoje, de tarde, no palacio real. Os circulos parlamentares são de parecer que se impõe a conservação do sr. Maura no poder, mas é muito provavel que seja outro o titular da pasta da guerra.—(H.).*

### Afonso XIII e as juntas militares

**MADRID, 13.**

**Todas as personalidades politicas consultadas hoje pelo rei ácerca da solução a dar á crise de gabinete declararam aos jornalistas que é inexacto que o rei se recusasse a assinar o decreto que lhe foi apresentado pelo ministro da guerra ácêrca das juntas militares. O soberano limitou-se a fazer objecções sobre a oportunidade de assinar o decreto imediatamente.—(H.).**

### Em Melila

MADRID, 13.

Nos ultimos avanços feitos em Marrocos as tropas apoderaram-se de muito armamento e de grandes quantidades de trigo, cevada e azeite. Na tomada de Dar-Drius o inimigo teve mais de tresentas baixas causadas principalmente pelos aviões e pela artilharia.—(U. P.).

### Ex-imperatriz Zita

ZURICH, 13

Chegou a esta cidade a ex-imperatriz Zita.

EM ARMAZEM
Motores electricos
*Dinamos*
ANPERÓMETROS
E VOLTIMETROS
*Lampadas, fios, cabos,*
Etc., etc., etc.
John M. Sumner & C.º
Sucessor
JOSE J. TEIXEIRA
29-Avenida da Liberdade, 39
LISBOA

O ACORDO ANGLO-IRLANDÊS

## *De Valera e a Irlanda*

### Como os delegados irlandeses foram obrigados a assinar o tratado

### As duas modificações introduzidas no texto primitivo

Um grande oficial do exercito irlandês fez ao *Matin* importantes declarações sobre o acôrdo anglo-irlandês, muitas das quais como se verá, estão de harmonia com o que previamos. Com a demissão de De Valera e a aprovação do acôrdo anglo-irlandês, ainda que com maioria fraquissima, está momentaneamente posto de lado este assunto que vinha sendo um dos mais importantes acontecimentos mundiais desde que o ano passado Lloyd George iniciára a mais severa de todas as repressões contra o movimento nacionalista irlandés.

Dentro do Daily Eaream houve as maiores discussões e a fraquissima maioria de aprovação ao acôrdo prova quão graves eram as dissidencias entre os que haviam de julgá-lo.

De Valera, cuja demissão terá graves consequencias, continúa representando o verdadeiro sentimento do povo irlandês, ainda no proprio acto da sua demissão.

A Irlanda não tem lutado ha seculos para ser um subdito mais ou menos favorecido da corôa britanica, mas para alcançar a independencia. Ora pelo acôrdo de hoje, a Irlanda jura fidelidade ao rei de Inglaterra; para continuar de futuro, a luta secular tem de faltar á sua palavra. Era isto que De Valera queria evitar e, no fundo, toda a Irlanda pensa com ele.

Os proprios delegados «sinn-feiners» não aceitam a solução do acordo como definitiva. No intimo, a solução do acordo serve-lhes apenas para descançarem um pouco e recomeçarem a mesma luta. Os irlandeses que pugnaram pela ratificação pensavam da mesma forma.

De Valera e muitos outros entendiam que seria facil ainda obter certas modificações no acordo, prolongando a discussão tanto tempo quanto fosse preciso.

Que modificações eram essas? Duas principalmente, sem importancia á primeira vista, mas que modificavam completamente as consequencias futuras do acordo:

1) Primeiro, que a Irlanda entraria livremente na comunidade das nações britanicas; 2) que a Irlanda juraria fidelidade á comunidade de nações e não directamente ao rei de Inglaterra.

Pelo acordo, a Irlanda fica fazendo parte da comunidade de nações por vontade da Inglaterra e jura directamente fidelidade ao rei.

Mas ainda durante as negociações com Lloyd George, Michall Collins podia ter obtido o fim desejado, retirando-se a tempo e deixando ao ministro inglês a responsabilidade de recomeçar as hostilidades.

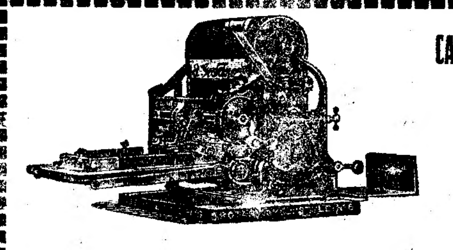
Os delegados irlandeses, como tem acontecido a grandes politicos do mundo, viram-se arrastados pela conhecida habilidade de Lloyd George e acabaram por assinar na noite de 5 para 6 de dezembro.

Se o bom resultado é sempre prova de que os meios empregados foram bons, Lloyd George lidou com os delegados britanicos como era conveniente para os seus fins; mas se estes estivessem rodeados de bons conselheiros, não teriam assinado e Lloyd George ter-se-ia visto numa situação pouco favoravel quando eles se tivessem retirado e tornado publicos os motivos do seu procedimento.

Os delegados irlandeses, convidados a fazerem um acordo com a corôa britanica, iam a Londres livremente. De Valera afirma que Lloyd George obrigou os plenipotenciarios irlandeses a assinarem imediatamente na noite de 5 para 6 de dezembro, sob pena de recomeçarem as hostilidades no dia seguinte, sem previo aviso de guerra. Não quiz deixar-lhes tempo de virem a Dublin discutir o acôrdo antes de assinado, porque sabia que as clausulas que comportavam obediencia directa, ao rei de Inglaterra, não seriam aprovadas. Mas é claro que no caso de os delegados irlandeses se retirarem, perante aquelas intimações, quem ficaria mal colocado seria o ministro inglês.

Hoje o acôrdo está ratificado; a massa de funcionarios que uma modificação mais profunda da situação nacional lançaria á margem, trabalhou por isso, assim como parte do povo que se encontra cansado. Mas, segundo um grande oficial do exercito republicano irlandês que fez estas declarações, o homem que representa o grande povo e os verdadeiros sentimentos da Irlanda continúa sendo De Valera. e o acôrdo, afinal, não é senão uma *étape* que retardará a solução final e não póde ser encarada com simpatia porque nele se fez um juramento que não será cumprido.

Coliseu dos Recreios
ÁMANHÃ — SABADO, ás 20,45 — ÁMANHÃ
ESTREIA
GRANDE COMPANHIA DE CIRCO
BILHETES Á VENDA



CADA ESCRITORIO precisa organização!!
CADA NEGOCIO precisa desenvolvimento!!
O DUPLICADOR
RAPIDO, LIMPO, SIMPLES
D. Gestetner
70 cópias por minuto
pode ser nos dois casos de imensa utilidade
Peçam detalhes á casa
— A. GESTETNER —
Rua da Conceição, 125, 4.º
LISBOA Telefone C. 320 LISBOA

EM FRANÇA

## A CRISE MINISTERIAL E O ACORDO ANGLO-FRANCÊS

### As razões do pedido de demissão de Briand

### e o pessimismo da imprensa alemã

*PARIS, 13.*

*O sr. Briand apresentou ao sr. Millerand a demissão colectiva do gabinete. A crise foi motivada por divergencias com os pontos de vista apresentados pelos delegados ingleses na conferencia de Cannes ácerca da limitação dos submarinos, concessão de Tanger á Espanha e resolução do estreito de Dardanelos.*

*O sr. Briand tinha recebido em Cannes um telegrama do sr. Poincaré, que é o actual presidente da comissão de negocios estrangeiros no Senado, e um outro de duzentos e quarenta deputados protestando contra quaisquer concessões na questão das reparações e mantendo o direito da França de poder ocupar territorios alemães. Depois da recepção destes telegramas o sr. Briand, saiu de Cannes tendo submetido os termos do pacto aliança aos seus colegas de gabinete e tendo acerca dele surgido divergencias entre os membros do governo.*

*Fala-se no nome do sr. Poincaré para presidir á nova situação.*

*A imprensa alemã continúa mostrando-se muito pessimista acêrca da conferencia de Cannes, não confiando tambem o comité da Associação dos industriais alemães em que dessa conferencia resulte qualquer beneficio para a Alemanha.—(R).*

### A Inglaterra, afirma um jornal, não pretende fazer do acôrdo um negocio

LONDRES, 13.

Combatendo os argumentos aduzidos por varias personalidades francesas que dizem que o pacto oferecido á França depende da aceitação por esta nação do ponto de vista inglês sôbre a questão dos submarinos, das relações da Anatolia com os bolchevistas e do estatuto de Tanger, o «Morning Post» diz que a Inglaterra procurará chegar a acôrdo com a França nestes assuntos de maneira a firmar-se a paz europeia. Os ingleses não pretendem fazer do pacto um negocio, mas desejam um entendimento amigavel e perduravel com a França. A «Westminster Gazette» concorda com o pedido da França para que lhe seja garantida a sua segurança e reconhece que a França sofreu varios inconvenientes devido á falta de garantia proposta em 1919 em Paris. O mesmo jornal diz que se devem fazer todos os esforços para que a França fique satisfeita. O «Evening Standard» diz que qualquer que sejam as objecções postas na Inglaterra a uma aliança continental, comtudo um acôrdo neste sentido é absolutamente necessario, se com isso se conseguir a tranquilidade europeia e se conseguir a restrição dos armamentos.—(U. P.).

TEATRO DE S. CARLOS
Sociedade do Teatro de S. Carlos, Limitada
Teléf. C. 5063
Sabado, 14 — ás 21 horas
THAIS
pelos artistas Mireille Berton, Formichi, Prati e Griff
Domingo, 15 — ás 20.30 horas
— Tristão e Isolda —
em 14.ª recita ordinaria

TELEFONES DO "DIARIO DE LISBOA"
Redacção—C. 3194
Administração—C. 3195

UMA CONFERENCIA

# O maravilhoso teatro no Japão

## Final do artigo da quinta pagina

Misterio, dirá o senhor. E eu repito: misterio... Esta mudança era muito precisa ao meu espirito, creia. E sinto-me já outro. Devo-o ao meu empresario, José Loureiro, que, além de ser homem de teatro exactissimo, é um amigo sincero. Propôs-me alegremente á vinda a Portugal. E eu, alegremente, a aceitei. Veremos agora como se digna receber-me o ex.^mo sr. Publico, a ex.^ma sr.^a D. Critica... Ah! E' um caso serio, muito grave...

—Não tenha receio. Tenha confiança em si. E, a proposito, vai fazer uma conferencia amanhã?

—Não tenho a pretenção de intitular «Conferencia» as notas de *reporter* que a minha observação de actor apanhou sôbre o maravilhoso teatro do Japão. Tratava-se apenas de uma reunião intima de colegas e rapazes de jornal, amigos meus, para uma hora de *cavaco*, como cá se diz. Alguem me sugeriu expedir um maior numero de convites. E assim eu aproveitei a idéa para brindar com o fruto das minhas observações os grandes nomes do glorioso teatro e do jornalismo português, dilatando a audiencia e crismando de «palestra» o primitivo «cavaco».

—As suas impressões do Japão?

—Ah! Eterna pergunta! Como é possivel responder? São tantos, tão variados, sôbre tantissimas coisas que os meus olhos nunca sonharam vêr!... De impressões do Japão tenho eu quatro conferencias, como sôbre assuntos puramente japoneses mandei para *A Noite* perto de quarenta cartas. E ainda tenho assunto para muito mais... Tenha eu algum tempo para trabalhar...

—Mas quanto ao povo?

—Deixei lá muitos amigos com os quais sempre me correspondo. E de todos os japoneses que conheci, como do povo em geral, só posso dizer muito bem. Fui sempre carinhosamente recebido em todos as minhas visitas como nas conferencias que realizei.

—Em que lingua fez as suas conferencias?

—Fiz varias em inglês e hespanhol e uma em francês por ser a quasi totalidade da assistencia composta de diplomatas. Era sôbre o teatro luso-brasileiro, e a lingua francesa prestava-se mais ao assunto. Foi no formosissimo Parque de Shiba, em Tokio, no dia 22 de Maio de 1920... Talvez seja essa noite a recordação mais bela de toda a minha vida!

—Quanto tempo esteve em Tokio?

—Cinco meses; de Maio a Outubro.

—Não vai publicar um livro?

—Sim, de impressões dos paises que percorri.—Reunirei as minhas cartas a uns novos estudos que estou fazendo. Mas preciso de tempo... Demais não me sinto ainda com coragem de tocar, de remexer certas recordações que, embora muito suaves, não deixam de ser muito dolorosas. Há muita saudade em torno, muito dia feliz que mais não volta...

—Sua esposa acompanhou-o?

—Sim, como sempre e como em tudo. Não fôsse ela uma meiga e santa trasmontana linda!...»

## Conferencia de governadores

Os governadores do Banco de Portugal e do Banco Ultramarino conferenciaram hoje, demoradamente, com o sr. ministro das finanças.

## Interesses do distrito de Castelo Branco

O sr. dr. Pedro Ferrão, governador civil de Castelo Branco, e um influente politico do Fundão, conferenciaram hoje com o sr. dr. Carvalho Santos, chefe do gabinete do sr. ministro do interior, sobre interesses daquele distrito.

**Doenças da bôca, dentes e maxilares**
**Extracção de dentes e raizes com anestesia**
**Dentes artificiais**
Em consulta especial para classes menos abastadas e a preços de policlinica, das 9 ás 10 horas, no
**Consultorio do Dr. Ferreira Pires**
*R. do Jardim do Regedor, 51, 1.º*

**5 HORAS DA TARDE | ULTIMAS NOTICIAS | 5 HORAS DA TARDE**

Á VOLTA DA POLITICA

# *Os partidos e o governo*

**UM APOIO QUE NÃO É DE FIAR**

## As candidaturas comunistas por Moçambique

Alguns elementos partidarios, que algo podem influir na orientação futura dos seus organismos, não respeitando as conveniencias patrioticas que deram origem ás transigencias mutuas que permitiram ao sr. Cunha Leal manter-se no poder com o apoio dos politicos da Republica, trabalham agora, talvez com boas intenções mas objectivos dificilmente compreensiveis, para um novo adiamento do acto eleitoral. Esse adiamento a dar-se—o que consideramos cada vez mais impossivel — arrastaria comsigo a queda do ministerio. Ora, um acontecimento desta ordem não seria de molde a contentar a opinião publica que, embora não apoie activamente o sr. Cunha Leal, com a sua passividade tem demonstrado a sua aquiescencia com a permanencia daquele politico no poder.

Não realizarão os politicos a que nos referimos os seus objectivos. Pelo menos, assim o julgamos. Mas, estabelecendo em hipotese, o adiamento e, portanto, a necessidade de convocar o parlamento bi-dissolvido, por ter findado o praso constitucional para a realização do acto eleitoral, chegamos á conclusão do que os promotores destes jogos malabares, reduzido lucro colheriam ao fim de trabalho tão extenuante. E isto porque o sr. Cunha Leal, que tambem faz parte do parlamento engendrado pelo sr. Barros Queiroz, decerto não deixaria de comparecer em Coimbra, local pre-anunciado para tal reunião, a fim de dizer de sua justiça. A verdade é que, passando em revista o *elenco* parlamentar que ultimamente serviu a soberania nacional, não encontramos quem, como orador, se pudesse defrontar com o actual presidente do ministerio que, agora essas vantagens naturais, levaria na sua bagagem de ex-deputado convocado contra vontade aquela avultada dose de razão que ninguem lhe pode negar...

Além disso, a vontade do sr. Cunha Leal, reflectindo a vontade da maior parte do país, vale alguma coisa mais, neste momento, que a de meia duzia de intriguistas politicos a que os partidos dão abrigo. Que podem eles fazer? Prejudicar a organização das eleições? Criar obstaculos? Asfixiar com mil pequenos conflitos, nas vespera do dia 29, o ministerio do Interior? Mas é preciso atender a que o chefe do governo, segundo temos observado, possue a fôrça de vontade necessaria para, em detrimento da politica dos partidos que não é a politica da Republica, cumprir a Constituição, levando a efeito a consulta ao eleitorado.

Há uma derradeira hipotese a meter em linha de conta:—a crise ministerial. Mas, em realidade, só os *leaders* partidarios a poderiam provocar e êles devem ainda possuir a pequenina dóse de inteligencia necessaria ao reconhecimento de que tal expediente possue dois gumes—estando o mais acerado da banda dêles...

* * *

Os democraticos, conforme noticiámos ontem em primeira mão, resolveram disputar, isolados, as maiorias de Lisboa. Esta decisão causou, como é natural, em todos os circulos politicos, a maior impressão. Na Arcada, por exemplo, foi o assunto preferido dos grupinhos politicos que é de uso ali reunirem. E num dêles ouvimos as palavras seguintes, a um velho republicano que, embora afastado ha muito da politica militante, ainda se preocupa um tanto com tudo isto:

—Eu percebo perfeitamente o alcance da resolução dos democraticos. Pretendem coagir o eleitorado, em face do perigo monarquico, a votar na sua lista, a fim de manter, aparentemente, uma fôrça que já não possuem. E' um autentico caso de *chantage* politica, que o govêrno deve castigar deixando o P. R. P. entregue á sua conta. E isso bastará...

* * *

Alguns influentes politicos de Evora procuraram hoje o sr. presidente do ministerio, á fim de lhe indicarem, para candidato governamental a senador, por aquele circulo, o nome do sr. dr. Nunes Mexia.

Trata-se de um dos mais importantes lavradores do Alemtejo, que gosa de um justo prestigio entre os seus conterraneos. O sr. dr. Nunes Mexia, que fez parte de um dos ultimos parlamentos da monarquia, já representou o circulo no parlamento sidonista, tendo-se destacado na inteligente defeza dos interesses locais.

* * *

Segundo informações que recebemos de Lourenço Marques, os organismos operarios apresentam como candidatos ao proximo acto eleitoral, os nomes do sr. Manuel Ribeiro e Eduardo de Freitas, para deputados, e o do sr. Manuel Ricardo de Miranda, para senador.

O sr. Manuel Ribeiro, que não é desconhecido dos leitores do *Diario de Lisboa*, pois a ele já por mais de uma vez nos referimos, é a figura de maior destaque do Partido Comunista Português e o autor da *Catedral*, uma das mais brilhantes produções literarias da moderna geração. Quanto ao sr. Eduardo de Freitas, operario serralheiro, é bem conhecido nos meios sindicalistas de Lisboa pelas suas qualidades de orador revolucionario.

Estas candidaturas não devem ter a sanção do Partido Comunista, que se desinteressou das proximas eleições, tratando-se, pois, de uma simples manifestação da força do proletariado organizado da provincia de Moçambique. Na hipotese de serem eleitos, os srs. Manuel Ribeiro e Eduardo de Freitas declinarão os seus mandatos.

* * *

O directorio do P. R. R. tomou, em materia eleitoral, a seguinte resolução, que bem comprova quanto acima deixámos escrito:—não entrará em acordos eleitorais, por um principio de coerencia, com o governo. Não impede, porém, que as comissões dos circulos o façam.

Consta-nos que os reconstituintes e os liberais vão tomar resolução identica, o que não deixará de criar dificuldades ao sr. Cunha Leal, se bem que conte com o auxilio de alguns influentes eleitorais, na maioria dos circulos.

***

Não foi bem acolhida pelos elementos democraticos de Viseu a nomeação do governador civil substituto. Entre o pessoal daquele governo civil, tambem o caso levantou bastantes reparos, por o nomeado exercer ali as funções de terceiro oficial.

## Os proprietarios, construtores e inquilinos

### Pedem a revogação do decreto 7:856

Esta tarde, uma comissão composta de cerca de 100 proprietarios, construtores e inquilinos, procurou o sr. ministro das finanças, a quem pediu a isenção de pagamento das contribuições de registo por titulo oneroso na primeira transmissão de predios construidos, desde que os encargos da construção passaram a ser maiores.

Reclamaram ainda a abolição completa da contribuição sumptuaria e adicionais sobre inquilinos, a isenção da contribuição predial durante um certo numero de anos; que o Estado forneça capital a juro não superior a 50 % aos construtores que queiram fazer novas edificaçõees; que não seja permitido aumentar as rendas, em relação a 1914; proibição do trespasse de casas de habitação; por ultimo, a revogação do decreto n.º 7.856.

O sr. ministro das Finanças disse aos comissionados, que ia estudar o assunto e que voltassem na proxima terça-feira, para saber a resposta. Pediu que, ao voltarem, a comissão fosse constituida apenas por três pessoas.

## Uma entrevista deprimente

A' hora de fecharmos o nosso jornal, consta-nos que o engenheiro espanhol La Cueva, já foi preso pelas autoridades tendo seguido imediatamente para a fronteira.

UMA JUSTIFICAÇÃO

# As obras portuguesas em S. Carlos

## Uma carta do maestro Rui Coelho

Do ilustre maestro sr. Ruy Coelho recebemos a seguinte carta:

*Sr. director:* — Perante o publico que mais ou menos se tenha interessado pelo caso da representação das *Rosas de todo o ano* em S. Carlos, venho agora justificar-me da razão que me levava a pretender a representação dessa minha nova opera. A actual empresa de S. Carlos obteve aquele teatro mediante um contracto com o estado, assinado pelo ex-ministro sr. dr. Alfredo de Magalhães, no qual está fixado toda a protecção á arte portuguesa, se bem não ficasse essa empresa *obrigada* a montar qualquer original português. No entanto, nas suas duas primeiras epocas, dadas as importantes sugestões dos ex-ministros srs. drs. João de Deus Ramos e Leonardo Coimbra, aquela sociedade montou os originais portugueses que existiam, e cedeu-me aquela casa numa ocasião dificil.

Este ano, dados os favores que o ex-ministro sr. Ginestal Machado, segundo creio, deu áquela sociedade, *favores a que não obrigavam a tal contracto*, como seja a cedencia de cambiais, que é favor importante, por estar o país a morrer á mingua, e mais a fixação dessas cambiais numa divisa que desfavorece o estado enormemente; e tendo aquela sociedade pedido um decreto regularizando, atravez um juri oficial, a entrada dos originais portugueses naquele teatro, pareceu-me que afinal estava seguramente garantido o futuro dos operistas portugueses. Apresentei o meu original, o unico que foi apresentado, submetendo-me respeitosamente ao juri, mas a sociedade respondeu não garantir a representação da pequenina opera, mesmo que fosse aprovada.

Vim á imprensa, fui ao ministerio, e obtive esta certeza:

Que em face do contracto o ministro não podia impor coisa alguma á sociedade de S. Carlos. Está pois nisto a questão.

Os novos favores do governo, *fora do contracto*, nada garantem ao estado. Só vale a letra do contracto. E legitimo? Seja como quizerem. Eu nada mais posso fazer que justificar a minha pretenção legitima. Não tenho culpa, de que, afinal, contra as minhas ingenuas suposições, não exista em Portugal aquela atmosfera de renascença nacionalista, que julgava existir, e que os artistas do meu país sejam tratados com tanto desprezo, como se não estivessemos todos vivendo numa terra que é muito nossa. Seria má, indigna de S. Carlos, a minha obra?

Lá estava o juri para o dizer. E o publico tambem. Aqui fica, pois, a minha justificação, certo de que, lutando até fim, cumpri o meu dever. De v. etc. *Ruy Coelho.*

## O TABACO NÃO AUMENTA DE PREÇO

Ao contrario do que os jornais publicaram, a conferencia que ontem se realizou entre o sr. ministro das Finanças e o sr. Eduardo Burnay, director da Companhia dos Tabacos, não versou sobre o aumento do preço do tabaco, mas sim sobre uma questão existente entre a Camara do Porto e a Companhia, por causa dum imposto.

# DE LUTO

**O funeral do sr. José Cupertino Ribeiro**

Foi muito concorrido o funeral que hoje, de manhã, se realizou, do conceituado comerciante sr. José Cupertino Ribeiro Junior, antigo senador e figura prestigiosa da Republica.

No cemiterio dos Prazeres, onde o feretro ficou depositado em jazigo da familia Ferreira Braga, realizaram-se os seguintes turnos:

1.º—Srs. general Correia Barreto, dr. Augusto de Vasconcelos, dr. Augusto Barreto, Inocencio Camacho, Tomé de Barros Queiroz, dr. Betencourt Rodrigues e Antonio Bernardino Roque.

2.º—Srs. Sebastião Mestre dos Santos, Benjamim Marques, João de Deus, Elmano Ribeiro, José Antonio Baptista de Almeida, Eduardo David Martins e Julio Maria de Sousa.

3.º—Srs. Batalha Ribeiro, Eduardo Rodrigues, dr. Xavier da Costa, dr. José de Padua, Manuel Antonio, Dias Ferreira, Carlos Ferreira Alves, Jacinto Marques e Ernesto Pinto.

4.º—Srs. Guilherme Graham, Ramos da Costa, José J. Carvalho, Machado Fernandes, Gonçalves de Carvalho, Alexandre Matos Brito, João Antonio de Figueiredo e Alves.

5.º—Srs. Julio Silva, dr. Matos Ferreira, Ramiro Leão, Luis Cordeiro, Heitor Ferreira, Teofilo Magalhães, Dias Ferreira e Carlos Alves.

6.º—Pelos empregados do armazem do extinto.

7.º—Pelo antigo pessoal da fabrica e criados da casa.